

Tributo ao Professor Rafael Moreira (*in memoriam*)

Tribute to Professor Rafael Moreira (*in memoriam*)

Beatriz Piccolotto Siqueira Bueno¹

Em 9 de fevereiro de 2025 faleceu o Professor Rafael Moreira, uma das maiores sumidades em História da Arte em Portugal. O historiador de Arte luso-brasileiro maranhense de coração, nascido no Porto e formado em Lisboa e no Rio de Janeiro, licenciado em História (Faculdade de Letras, 1974), tornou-se a mais célebre referência em Renascimento, Arquitetura Militar e Arte Colonial Portuguesa da Universidade Nova de Lisboa no mundo Ocidental e também em Goa e na África. Mais de 100 artigos em revistas nacionais e internacionais, 5 livros, fazem do professor hoje uma referência incontornável na Historiografia da Arte Colonial. Infelizmente nos deixou em pleno vigor, aos 77 anos.

Cordial amigo dos pesquisadores brasileiros, nutriu diletta amizade com muitos de nós, num saudável intercâmbio desde os tempos dos colóquios luso-brasileiros de História da Arte e dos Congressos organizados pelo Comitê Brasileiro de História da Arte.

Um tributo ao Professor Rafael Moreira se faz necessário.

Felizmente, em 7 de junho de 2024, nosso inspirador e querido amigo, mereceu homenagem² presencial na Cátedra Jaime Cortesão, graças à hospitalidade de Iris Kantor e Ana Paula Torres Megiani.

Uma homenagem merecida por ocasião de sua vinda ao Brasil, fruto do apoio financeiro do CHAM e da FAU-USP, realizando um sonho, há anos arquitetado, de realização de um curso sobre “Arte, Arquitetura e Cidade: Ásia,

¹ Professora Associada - FAU-USP

² <https://www.youtube.com/live/-xzPHY32p0o?si=-Io8z6oyOWJekpBy>

África e Brasil Global”. Tão sonhado desde que criei com Dante Martins Teixeira a disciplina “Paisagem Cultural Brasileira: encontros, trocas e hibridismos” na pós-graduação da FAU-USP. Editar em versão reduzida um curso há muito ministrado em Washington, na *National Gallery Art*, a convite de Henry Millon, era algo que pairava no horizonte e hoje vejo efetivado.

Por sorte – os astros conspiraram – e a vinda do nosso querido professor e amigo coincidiu com o lançamento do livro “A Arquitectura do Renascimento no Sul de Portugal: a encomenda régia entre o Moderno e o Romano”, sua tese de doutorado concluída em 1991, sob orientação de André Chastel e Jean Guillaume.

A oportunidade ensejou reunir amigos e companheiros de trajetória intelectual como Clovis Jucá Neto, Rodrigo Baeta e Magno Mello que, como eu, tiveram a oportunidade de gozar do carinho, da convivência, da generosidade, da amizade do mestre que tanto admiramos.

Admiramos por quê?

Cabe aqui, para os que não conhecem, situar o professor Rafael Moreira no mundo da História da Arte internacional, em escala global, por força da sua própria origem luso-brasileira. Era de família maranhense, mãe brasileira, radicado em Portugal desde 1956. A origem híbrida certamente contaminou suas escolhas intelectuais, temáticas e acadêmicas, abraçadas com refinamento ímpar ao longo da vida. Para minha surpresa o descobri “meio brasileiro” quando nos falamos pela primeira vez. Aliás um encontro digno de registro. Imaginem vocês, aos vinte e cinco anos, em pleno doutoramento, receber um telefonema da sua mais inspiradora bibliografia.

Quando não havia nada, os textos do Professor Rafael eram um manancial de inspiração ... Foi o que ocorreu comigo e ela – a bibliografia – amistosamente falava português do Brasil e se dizia interessada em algo que eu havia escrito num Seminário de História da Cidade e do Urbanismo realizado em São Carlos – o III -, em 1994, que ele acompanhava à distância.

Aí vão exatos 30 anos de amizade ininterrupta que começou com o telefonema, evoluiu no encontro na Bahia por ocasião do Seminário Luso Brasileiro de História da Arte, em Salvador, quando efetivamente nos encontramos e visitamos juntos os fortes e a arquitetura que estudávamos.

Amizade que floresceu numa tutoria (co-orientação) carinhosa e cuidadosa a partir da minha primeira estadia de estudos em Portugal em 1995 e na segunda em 1999 por três meses, por ocasião do Seminário Universo Urbanístico Português organizado por Renata Araújo – que me mostrou a literatura do professor -, Walter Rossa e Helder Carita na Universidade de Coimbra.

Depois veio a Arrábida e o curso de verão organizado por Manuel Teixeira – dias inesquecível de puro deslumbramento diante de paisagem e grupo de intelectuais incríveis – os melhores à altura, passando pelo MASP na exposição organizada por meu orientador o Prof. Nestor Goulart Reis Filho em 2000, levada a Portugal no mesmo ano, e pelo Seminário Luso-Brasileiro de H.A no Algarve que ele fez questão de apresentar em co-autoria comigo as descobertas sobre o desenho que eu havia feito graças à generosidade de fontes primárias que ele gentilmente me mostrou e disponibilizou nos seus escritos.

Escritos que chegam à centena, com densidade ímpar, redação impecável – escreve muito bem – e genuína capacidade de descobrir raridades em acervos sofisticados e desconhecidos.

Manuscritos, tratados de arquitetura e engenharia militar, engenheiros, mestre de obras e arquiteturas foram postos à luz graças às intuições e descobertas do Professor Rafael.

Raridades expostas ao olhar do mundo seletto da História da Arte internacional que o acolheu como grande scholar.

Amigo e companheiro de arquivos e jornadas científicas dos grandes nomes da História da Arte europeia – italiana, francesa, inglesa e castelhana – e também norte-americana, Rafael Moreira participou e publicou em todas as redes científicas mais prestigiosas, brindando o público com inovações preciosas em cada *paper*, artigo e livro, enchendo nossos olhos com imagens de rara beleza –

de mapas a pinturas e gravuras -, tratados e objetos de arte, disponibilizados ao grande público em exposições memoráveis e refinadas que ele teve o privilégio de colaborar, pondo luz na riqueza do Patrimônio Português escondido em acervos e Bibliotecas nacionais.

Especial atenção mereceram os tratados e a literatura produzida por arquitetos e engenheiros em instituições que ganharam visibilidade graças aos estudos do professor. Revelou personagens como Antônio Rodrigues, entre outros, colocando Portugal no circuito das artes do Renascimento até então reduzido às cortes italianas.

Eis o tema da tese e do livro que em bora hora foi finalmente publicado em 2023. Intercâmbio, circularidade de saberes, homens, tratados, ideias, entre Portugal, o mundo colonial e as cortes italianas, revelaram inclinações da encomenda régia desde D. João II, e com ênfase a partir de D. João III, ao gosto “ao Romano”, em detrimento do “ao moderno” (o gótico internacional) manuelino vigente. E saber que Vitruvius foi traduzido para o vernáculo português antes de o ser na Inglaterra, França e Castela, bem como que J. B. Alberti e um certo “Martinos”- Francesco di Giorgio Martini – circularam nas mãos de cortesãos, mestres de obras, engenheiros e instituições de ensino portuguesas precocemente ou simultaneamente à sua publicação na Itália... Estas foram descobertas creditadas ao Professor que generosamente compartilhou conosco ainda quentes, em primeira mão.

O olhar logo saiu do circuito eurocêntrico e enveredou pelo mundo luso em escala planetária, despertando o interesse de Henry Millon que o convidou para ministrar o curso supracitado em Washington.

Viajante incansável, conhece o legado português nas mais diversas latitudes, da Índia à Etiópia, sem falar Mazagão no Marrocos convertido em Patrimônio da Humanidade graças aos seus estudos. A nacionalidade híbrida facultou-lhe olhar atento para a arte portuguesa aclimatada nas mais diversas geografias. Geografias artísticas de uma paisagem cultural lusa que foi o tema do

presente mini curso que o trouxe ao Brasil só agora, mas que milita há muitos anos, numa perspectiva global hoje tão em voga.

Ao professor, em nome dos seus tantos discípulos brasileiros – em Portugal são mais de 40 teses orientadas e no Brasil dezenas co-orientadas como a minha - agradeço por ter tido a oportunidade e o privilégio – a honra – de compartilhar do seu convívio, respeito, carinho e amizade. Agradeço as intuições, bibliografia, indicações, viagens compartilhadas, dicas de hotéis, restaurantes, rotas sempre tão refinadas. Agradeço os e-mails com escrita elegante, erudição ímpar, e os tantos telefonemas que nos alegram e guiam diariamente quando estamos em Portugal, com generosidade de um verdadeiro pai intelectual.

Ao professor meu sincero obrigada. Pena que se foi em pleno vigor, aos 77 anos, lúcido, deixando pesquisadores das quatro partes do mundo órfãos de um grande intelectual, um dos maiores nomes da História da Arte portuguesa.

Antes de terminar, gostaria de dar algumas pinceladas sobre o livro que felizmente foi publicado em vida, sua obra magistral: *A Arquitectura do Renascimento no Sul de Portugal: a encomenda régia entre o Moderno e o Romano*³.

Trata-se de um livro resultante de uma tese de doutorado, defendida em 1991, que ainda surpreende pelo frescor e rigor das descobertas, pondo ao alcance de todos os engenheiros e arquitetos e mestre de obras e canteiros dos séculos XV e XVI em Portugal e Conquistas, em continuidade ao trabalho de José Augusto França realizado sob orientação de Pierre Francastel (1972).

O recuo temporal enseja mergulho em arquivos e biblioteca em busca de dados para além do conhecido universo da H. da Arte Portuguesa ainda cheio de ideologias nacionalistas e endógenas.

Desde o gosto florentino do rei D. João II, passando pela vinda de Andrea Sansovino (1492-1501) a Portugal e pelas múltiplas correspondências com

³ Rafael Moreira, *A Arquitectura do Renascimento no Sul de Portugal: a encomenda régia entre o Moderno e o Romano*, Lisboa, Colibri, 2023.

ninguém mais e ninguém menos que Lorenzo di Médici; enveredando pela conjuntura antiquizante de Évora (1532-1537) nos primórdios do século XVI em torno do círculo humanístico do Cardeal d. Afonso, até atingir os mestres de obras de El Rei, pioneiros da arquitetura e das fortificações ao modo romano, à italiana, como os Arrudas no sul marroquino, Boytac no norte marroquino, até João de Castilho mestre das obras de Belém e de Mazagão no Marrocos já em tempos de D. João III.

Rafael recuou assim periodização ao *Quattrocento*, mostrando um Portugal erudito e poroso às inovações em curso, aliás usadas como moeda de troca nas Índias, em meio aos potentados vigentes.

Na trama narrativa emergiram contatos diretos e indiretos entre engenheiros militares italianos, como Benedetto da Ravena, Tiburcio Spanochi, Leonardo Turriano, demonstrando como funcionavam os canteiros de obra, as consultorias estrangeiras, em contextos complexos de um império espalhado nas mais diversas latitudes.

E por fim, o suprassumo da novidade na década de 1990, a figura revelada do mecena humanista D. Miguel da Silva e seu arquiteto lombardo romano Francesco da Cremona, datável de 1520, o tal ao qual Baldassare Castiglione – autor do célebre tratado *Il Cortegiano* – dedicou-lhe a obra, mostrando intercâmbios de mão de dupla, sem submissão ou inferioridade das partes envolvidas.

Autentico cortesão ao modo italiano, o Cardeal D. Miguel da Silva foi responsável pelas primeiras obras classicizantes de Portugal.

Com erudição incomum, coube ao professor Rafael Moreira revelar ao restrito mundo da História da Arte e ingresso de Portugal no Primeiro Renascimento ao longo do Reinado de D. João III e o modo como o gosto “ao romano” contaminou as obras oficiais em Portugal e nas Conquistas Ultramarinas desde então, destronando o Manuelino das encomendas régias.

A descoberta facultou-lhe lugar de honra entre seus pares e formação de toda uma geração de discípulos como Paulo Varela Gomes, Nuno Senos, entre tantos outros.

O mundo asiático e africano não ficou distante das suas preocupações formando uma nova geração de curadores hoje integrantes das mais prestigiosas instituições portuguesas como o IPAAR, o Museu Nacional de Arte Antiga, a Fundação Gulbenkian, a antiga DGEMN, entre outras.

Espero que esta seja uma das muitas oportunidades de homenagear seu legado. Expresso essas breves palavras e lamento profundamente a perda do saudoso e querido amigo. Certamente os professores Benedito Lima de Toledo (*in memoriam*) e Mário Henrique Simão d'Agostinho (*in memoriam*) se juntariam ao coro e, espero que juntos, celebrem a História da Arte em outras dimensões.